



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**DANIEL LIMA DO NASCIMENTO**

**OS JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO NO BRASIL COLÔNIA**

**FORTALEZA**

**2022**

DANIEL LIMA DO NASCIMENTO

OS JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO NO BRASIL COLÔNIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- N194j Nascimento, Daniel Lima do.  
Os Jesuítas e a educação no Brasil Colônia / Daniel Lima do Nascimento.  
– 2022.30 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia  
, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1. Companhia de Jesus. 2. Indígenas. 3. Educação. 4. Brasil Colônia. I. Título.

CDD 370

---

DANIEL LIMA DO NASCIMENTO

OS JESUÍTAS E A EDUCAÇÃO NO BRASIL COLÔNIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 07/12/2022

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Me. Thiago de Sales Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é a melhor forma de reconhecer tudo o que já se conquistou, por isso inicio o meu agradecimento a Deus, à Imaculada Conceição e a São José que me ajudaram, com todos os santos e anjos, na minha caminhada acadêmica, fazendo com que eu desse testemunho do Amor e da Misericórdia a cada dia, especialmente sabendo respeitar a todos, sem distinção. Também não poderia deixar de agradecer a intercessão de Santo Antônio de Pádua, meu santo de devoção, a de São Francisco de Assis, que é o fundador da Ordem Franciscana Secular (Ordem Terceira Franciscana) à qual eu pertenço, e a de meu querido Servo de Deus Padre Cícero Romão Batista.

Agradeço a minha mãe Maria Aparecida que, diante das dificuldades, nunca deixou de me apontar os estudos como uma grande riqueza. A minha saudosa avó Maria Augusta que, quando viva, me perguntava, todos os dias, quando chegava em casa, como tinha sido meu dia na faculdade. A minha tia Maria Aurinete que, com o seu exemplo de organização e disciplina, me ensinou que, com essas duas práticas, chegaremos aos nossos objetivos. Agradeço aos meus demais tios, primos, especialmente Décy e Artur, que me ajudaram muito nas minhas atividades.

Também agradeço a meus professores que, nas disciplinas que cursei, sempre foram acolhedores e me ajudaram muito em minha formação. Um agradecimento especial ao meu orientador, o professor José Gerardo, que abraçou comigo esse tema e que sempre me incentivou a lutar por uma educação livre que pudesse trazer mudanças positivas para a sociedade. Agradeço aos amigos servidores da Coordenação da Pedagogia, turno manhã, por todos os dias me acolherem, e pela boa amizade e ótimos diálogos, tanto que me faziam sentir, na Faculdade de Educação, como se estivesse em casa.

Meu agradecimento aos amigos, colegas e benfeitores que me ajudaram com suas orações, palavras de encorajamento entre outros meios, para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos, lembrando que com eles pude partilhar de minhas conquistas e do que aprendi durante o curso de pedagogia. Todo esse agradecimento prova o reconhecimento que tenho por cada uma das pessoas mencionadas e aquelas que não mencionei, mas que tiveram uma grande participação na minha estrada, desde o infantil até o ensino superior, tudo é motivo de júbilo e alegria diante de tudo que passei, das dificuldades enfrentadas, das perdas que tive. É necessário ser grato, sobretudo, pela vida, por estar aqui, vivo, sorte essa que não têm tantas pessoas que

morreram na pandemia, por isso concluo esse agradecimento com as palavras de São Francisco de Assis: “Louvado sejas, meu Senhor!” pois tudo na vida. Esse é meu agradecimento.

Paz e Bem!

## RESUMO

O presente trabalho, de caráter bibliográfico, vem apresentar a atuação dos jesuítas na educação brasileira no período Colonial, período em que a Companhia de Jesus esteve à frente do ensino no nosso país. Para tanto, abordaremos, sinteticamente, as origens da Companhia de Jesus, com os aspectos biográficos de seu fundador; prosseguimos apresentando a chegada dos Jesuítas em solo brasileiro, discutimos como a *Ratio Studiorum* foi aplicada na área da educação e, por fim, como se deu a expulsão dos membros da Companhia e os impactos que isso veio causar dentro do ensino em nossa nação. Também apresentaremos a importância dos Jesuítas na educação, sendo eles os primeiros educadores no nosso país e os pioneiros, no Brasil, a construir colégios para receber seminaristas e filhos dos colonos, ensinando-lhes as primeiras letras. Este trabalho foi construído para apresentar o trabalho desenvolvido pelos jesuítas no Brasil Colônia, sendo direcionado a área da educação. Para esse fim o trabalho ficou dividido em: Breve histórico da Companhia de Jesus e seu fundador, Chegada dos Jesuítas no Brasil Colônia, os personagens importantes da Companhia de Jesus no Brasil, os Aldeamentos Jesuíticos, as reformas Pombalinas e por fim a *Ratio Studiorum*. Utilizamos a metodologia qualitativa no nosso trabalho e a leitura de diversos artigos e outros trabalhos acadêmicos, com o objetivo de mostrar os percalços que a educação sofreu no período colonial, e também como foi a desenvoltura dos padres da Companhia de Jesus na estrutura educacional brasileira.

**Palavras-chave:** Companhia de Jesus; educação; indígenas. Brasil Colônia.

## RESUMEN

El presente trabajo, de carácter bibliográfico, presenta el papel de los jesuitas en la educación brasileña en la época colonial, período en el que la Compañía de Jesús estuvo responsable por la enseñanza en nuestro país. Para eso, abordamos, sintéticamente, los orígenes de la Compañía de Jesús, con los aspectos biográficos de su fundador; en seguida presentamos la llegada de los jesuitas a suelo brasileño, discutimos cómo la *Ratio Studiorum* fue aplicada en el área de la educación y, finalmente, cómo ocurrió la expulsión de los miembros de la Compañía y los impactos que eso vino a causar dentro de la educación en nuestra nación. También mostramos la importancia de los jesuitas en la educación, siendo ellos los primeros educadores en nuestro país y los pioneros, en Brasil, a construir escuelas para recibir a los seminaristas y a los hijos de los colonos, enseñándoles las primeras letras. Utilizamos la metodología cualitativa en nuestro trabajo y la lectura de varios artículos y otros trabajos académicos, con el fin de mostrar los percances que sufrió la educación en el período colonial, y también cómo fue el despliegue de los sacerdotes de la Compañía de Jesús en la estructura educativa brasileña.

**Palabras clave:** Compañía de Jesús; educación; indígena. Brasil Colonia.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DA COMPANHIA DE JESUS</b> .....	11
2.1	Breve histórico do fundador dos jesuítas .....	12
2.2	Os jesuítas na atualidade .....	16
<b>3</b>	<b>CHEGADA, PERMANÊNCIA E EXPULSÃO</b> .....	18
3.1	Chegada dos Padres da Companhia de Jesus no Brasil .....	18
3.2	Como os Jesuítas encaravam os povos Indígenas .....	20
3.3	Figuras importantes da Companhia de Jesus no Brasil e os aldeamentos jesuíticos.	21
3.4	Marquês de Pombal e a Reforma Pombalina .....	22
<b>4</b>	<b>A EDUCAÇÃO DESENVOLVIDA PELA COMPANHIA DE JESUS COM A <i>RATIO STUDIORUM</i> NO BRASIL COLÔNIA</b> .....	25
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	30
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

O início da colonização do Brasil foi também o começo da primeira organização educacional brasileira, enquanto sistema e estrutura. Deste modo, não podemos simplesmente considerar a presença da Companhia de Jesus, trazida de Portugal pelo primeiro governador geral Tomé de Sousa, em 1549, como um mero acaso do destino, pois um dos objetivos dos Jesuítas, dentro do contexto colonial, era efetivamente converter ao Cristianismo os povos ameríndios, o que podemos também interpretar como uma das formas de “domesticar”, conforme os padrões europeus a “nova civilização”, pois “os colonizadores portugueses não enxergavam com ‘bons olhos’ o estilo de vida dos indígenas. Não é à toa que são encontrados nos documentos oficiais do período alguns adjetivos a estigmatizá-los como ‘vagabundos’, ‘facínoras’ e ‘preguiçosos’”. (ANDRADE, 2011, p. 93-94)

Os jesuítas desenvolveram a educação e o sistema educacional no Brasil por meio dos colégios e seminários administrados pela Companhia, aplicando a *Ratio Studiorum*. Também os membros da Companhia de Jesus encontraram uma forma de barrar a presença dos protestantes nas terras de Portugal e em suas colônias – que sempre foram de domínio católico – com a presença marcante de seus religiosos: irmãos e sacerdotes que catequizavam a população da época e criavam seus colégios e seminários, os quais marcavam a presença jesuítica em um território, assim eles deixavam claro que só a Igreja Católica exercia poder naquele local. A missão dos padres da Companhia era a expansão do carisma jesuítico no mundo, fazendo com que suas ideias e pensamentos chegassem a diversas pessoas, por isso a Ordem dos Jesuítas foi uma das ordens mais influenciadoras da Igreja Católica durante um longo período da história.

De acordo com Barion, Silva e Giraldelli (2019), a função dos Jesuítas era prestar um serviço à Coroa Portuguesa para o seu desenvolvimento econômico, intelectual e religioso. Tudo isso, além da carência educativa em termos de escolarização na então colônia portuguesa, os Padres da Companhia de Jesus promoveram, em sua passagem por terras brasileiras, uma mudança que marcou o período colonial no Brasil, apresentando, como pilares de sua intervenção a catequese e a educação, em primeiro lugar com os colonos e depois com os povos aborígenes, construindo a ideia de que os Jesuítas tinham, em seu projeto inicial, o objetivo de evangelizar e ensinar como uma forma de centralizar a fé em uma única religião e formar os filhos dos colonos para auxiliar no desenvolvimento do Império Português.

## 2 BREVE HISTÓRICO DA COMPANHIA DE JESUS

A Companhia de Jesus teve seu início em 15 de agosto de 1534, tendo como fundador o padre espanhol Inácio de Loyola, que havia sido, até então, um militar e membro da nobreza espanhola. Porém, Inácio, antes da fundação, havia deixado as fileiras militares em razão de uma lesão na perna, ferida em um combate, para se dedicar, segundo ele, a uma causa muito maior: a evangelização do mundo ocidental que se dividia entre católicos e protestantes. Nesse tempo, Inácio e seus companheiros se colocam a serviço do Papa para executar qualquer trabalho indicado por Roma e pelas novas orientações do Concílio de Trento. Juntamente ao trabalho espiritual, a missão voltada para a educação (não desprovida da influência religiosa, obviamente), também era uma das principais características da Companhia em qualquer lugar para onde os Jesuítas fossem enviados. A nova Ordem é aprovada pelo Papa Paulo III e assume o lema de sua missão: “Para a maior glória de Deus”, sua definição oficial como Ordem religiosa ocorreu, porém, apenas em 1540.

Combatendo à Reforma Protestante de Lutero, que contestava a autoridade do Papa, alguns dogmas católicos e que ainda desejava que os cristãos não mais se fundamentassem em uma Tradição que não fosse apenas a Bíblia Sagrada, a Companhia de Jesus foi se propagando com bastante rapidez, despertando o interesse de muitos homens que tinham como ideal comum a preservação das raízes católicas, sobretudo no que concerne à Tradição oral e espiritual.

Os Jesuítas promoveram uma espécie de “nova Cruzada” em que Inácio e seus seguidores deveriam buscar uma nova forma de barrar a expansão protestante, trazendo um novo olhar à forma de evangelizar, através de uma abertura para expandir a fé católica em outros territórios. A adesão e a popularidade do novo movimento iniciado por Loyola foi tamanha que o próprio fundador não teve condições de receber mais nenhuma pessoa que desejava se inscrever em sua Ordem, já que inúmeros jovens, de diversas classes sociais, desejavam pertencer à Ordem Jesuítica e conhecer o padre Inácio que, com o seu exemplo, atraía para a hierarquia religiosa inúmeros homens. O exemplo estava no próprio fundador que era para todos uma figura de referência, unindo oração, disciplina e estudos. As casas religiosas da Companhia seguiam um modelo disciplinar como de um quartel, e era justamente isso que encantava os jovens, que, por sua vez, apreciavam um estilo de vida mais austero e ascético e que buscavam um aperfeiçoamento da vida religiosa através da evangelização em terras recém-descobertas. Os adeptos da Ordem nutriam uma vida de oração que era orientada por um famoso escrito de

Inácio, o conhecido *Exercícios Espirituais*, que adiantava as pessoas na vida sobrenatural a partir de uma abordagem cristocêntrica.

A Companhia de Jesus passou por momentos de perseguição e travou, na sua história, embates forte com a própria Igreja Católica, e também com impérios grandes, como Portugal França, Sicília, Nápoles e Espanha, que chegaram a expulsar os jesuítas de seus territórios, pois viam neles um poder além da força de cada império. Todos os representantes desses impérios solicitaram ao Papa Clemente XIV a extinção da Companhia de Jesus, o que ele vem a fazer em 1767, deixando no seu legado papal uma grande mancha, pois, à época, a Companhia era uma das colunas da Igreja Católica. Porém, em 1814, o Papa Pio VII revoga a supressão dos Jesuítas e devolve sua autonomia dentro e fora da Igreja, fortalecendo novamente os padres da Companhia de Jesus.

Com o passar do tempo, a Companhia de Jesus se mostrou uma das ordens religiosas mais detentoras da educação privada e dos estudos de Filosofia e Teologia, tendo diversos autores conhecidos no meio acadêmico, demonstrando que o grande legado de Inácio ainda se faz presente não somente no Brasil, mas em todas as partes do mundo, pois onde se encontra um convento Jesuítico, geralmente ali se percebe uma cultura de educação.

## **2.1 Breve histórico do fundador dos jesuítas**

Inácio de Loyola nasceu em 23 de outubro de 1491, na Espanha, filho de Dom Beltrão Yáñez de Onaz y Loyola e Dona Marina Sáenz de Licona y Balda. Inácio provém de uma família nobre, foi educado para a vida na corte, ao ponto de ter sido cavaleiro: “até os vinte e seis anos foi um homem dado às vaidades do mundo, e principalmente se deleitava no exercício das armas e no vão desejo de ganhar honra”<sup>1</sup> (LOYOLA, 2005, p. 27). Combateu contra os franceses em Pamplona, em 1521, em cuja batalha foi atingido por uma bala de canhão em sua perna, como ele mesmo descreve sua complexa situação após o ferimento: “Ia entretanto piorando, sem poder comer, e com outros sintomas que costumam ser sinais de morte” (LOYOLA, 2005, p. 28). Foi após esse episódio que o cavaleiro Inácio percebeu ser a hora de buscar os interesses divinos, movido pelo exemplo de Francisco de Assis e de outros santos, cuja vida lia em livros desse gênero, os quais também haviam abandonado seus ideais para se dedicar exclusivamente à vida religiosa.

---

<sup>1</sup> Embora o texto seja um excerto da autobiografia de Inácio de Loyola, o autor preferiu escrever as narrativas de sua vida em terceira pessoa.

Contemplando esses modelos de cristãos, Inácio se conscientizou de que estava no caminho correto de sua conversão, mas com uma espiritualidade diferente da do Santo de Assis. Sua forma de servir à Igreja se voltava mais para a missão evangelizadora em locais não cristãos e para a educação. Seu intuito era que se organizasse uma estrutura de ensino para o crescimento da fé e da razão. Tal desejo refletia sua experiência com algumas obras literárias do seu tempo, afinal Inácio foi educado como um nobre e a nobreza tinha o privilégio do conhecimento que a maioria das pessoas não possuía. Assim, foi despertado em Loyola o desejo de unir fé e conhecimento em sua missão religiosa, como ele mesmo relata:

Depois que o dito peregrino entendeu que era vontade de Deus que não estivesse em Jerusalém, sempre veio pensando consigo que faria, e ao fim inclinava-se mais a estudar algum tempo, para poder ajudar as almas e determinava-se a ir para Barcelona, e assim partiu de Veneza para Gênova. (LOYOLA, 2005, p. 74).

Para realizar o início de sua carreira nos estudos filosóficos e teológicos, e, chamando atenção dos seus contemporâneos pela vida simples e orante que levava, Inácio de Loyola começou a proferir suas pregações de evangelização. Foi nesse momento também que ele escreveu seu célebre livro *Exercícios Espirituais*, porém a Inquisição, suspeitando desse entusiasmo de Inácio, retém-no e o deixa detido durante quarenta dias até ele ser interrogado e inocentado, sob a condição que ele deveria cursar Teologia e se ordenar sacerdote.

Inácio aceita a condição imposta e se transfere para a Paris, a fim de concluir seus estudos na Universidade de Paris, atual Sorbonne, pelos anos de 1528 e 1529. Na capital francesa, Inácio fez os estudos de Humanidades, que, à época, eram necessários para a carreira eclesiástica, e na ocasião se encontrou com alguns jovens que começaram a segui-lo, dentre os quais figura-se Francisco Xavier, como está descrito em sua autobiografia: “Nesse tempo conversava com o mestre Pedro Fabro e o mesmo Francisco Xavier, aos quais depois ganhou para o serviço de Deus por meio dos *Exercícios*.” (LOYOLA, 2005, p.107).

O padre Francisco Xavier viria a ser, futuramente, um dos grandes missionários jesuítas na Ásia e no Japão, juntamente com mais quatro companheiros que seguiam os pensamentos de Loyola, formando, assim, o embrião da nova Ordem, que revolucionaria até no campo da educação, onde até hoje lideram com melhores escolas e universidades católicas.

Em 1534, no dia 14 de março, o fundador da Companhia de Jesus recebeu o diploma de mestre em Artes. Dois anos depois, já em Veneza, prosseguiu com seus estudos, concentrando-se, agora, na Teologia, demonstrando, assim, ter grande inclinação para os estudos, o que, de fato, até hoje, caracteriza fortemente a Ordem da Companhia de Jesus: o empenho na educação.

Somente em 1540, como já indicamos, por meio da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, aprovada pelo Papa Paulo III, a Companhia de Jesus é confirmada pela Igreja Católica como uma Ordem religiosa, e, no ano seguinte, inicia-se a fundação dos primeiros colégios que serviam, ao mesmo tempo, como seminários e escolas na formação de jovens seminaristas e leigos.

Inácio tinha em mente expandir sua Ordem em missões pelo mundo, tanto com o objetivo de evangelizar, como também de criar colégios e universidades, pois, afinal, os padres da sua Companhia eram, além de gestores de seus colégios, também professores, cujo objetivo comum era preparar os alunos para um desenvolvimento em sua vida social, escolar e religiosa. Em 1552, o Papa Júlio III concede ao Colégio Germânico, direcionado pelos Jesuítas, a faculdade de conceder graus acadêmicos aos estudantes, conforme o processo de exame de aprovação feito pelos mestres da Companhia de Jesus, que já havia elaborado seu programa educacional, a *Ratio Studiorum*. Esse mesmo programa era implementado em todas as escolas e universidades dirigidas pelos membros da Companhia, era na época um plano de ensino, uma cartilha de orientação, uma programação mais clara e organizada já existente dentro da Igreja Católica voltada exclusivamente para a educação, unindo fé e razão.

No ano de 1553, em 9 de julho, Inácio criou a Província dos Jesuítas no Brasil, enviando como provincial o português Padre Manuel da Nóbrega, com o intento de catequizar os povos ameríndios e estabelecer colégios dirigidos por eles. Durante todo esse período, Nóbrega se corresponde com Inácio, deixando-lhe a par dos trabalhos da Companhia na mais nova colônia portuguesa. Em 1553, chega ao Brasil a figura singular de Padre José de Anchieta, conhecido como o Apóstolo do Brasil e defensor da causa indígena, vindo a substituir Nóbrega na direção da província dos Jesuítas no Brasil.

A formação intelectual de Inácio e dos seus companheiros foi, para aquela época, uma novidade, porque, diferente das demais ordens religiosas, a Companhia de Jesus alcançou o intento de manter as práticas de oração da rotina conventual, pregar, catequizar e educar ao mesmo tempo. Claro que existiam ordens religiosas, como os dominicanos, que se dedicavam aos estudos, mas exclusivamente a estudos religiosos, o que os jesuítas propunham era fazer a junção do ensino religioso com o “profano”, como eram assim chamadas as disciplinas não religiosas. Os jesuítas conseguiram entrar em lugares até então desconhecidos, o que facilitou, de certa forma, o crescimento da cultura europeia e sua religião, o cristianismo.

Com o Concílio de Trento<sup>2</sup>, a Igreja muda suas estruturas de evangelização e percebe que está perdendo espaço para o protestantismo e se lança com as navegações rumo ao “desconhecido”, na certeza de congregar mais adeptos às suas práticas e pensamentos. De igual maneira, movidos pelos propósitos da contrarreforma, os “soldados de Cristo” como eram chamados os Jesuítas, abraçaram a causa, enfrentaram os perigos marítimos e partiram em missão, animados pelo lema de seu fundador: “Para a maior glória de Deus”, fazendo, assim, da Companhia de Jesus uma das ordens mais divulgadas e conhecidas daquela época.

Durante sua vida, Inácio soube desenvolver suas atividades com muita maestria. Ao mesmo tempo que cuidava dos assuntos referentes às missões em outros continentes, ele estudava, rezava, se dedicava às leituras, respondia e escrevia cartas, atendia às pessoas que o buscavam para algum conselho, e de todos os assuntos referentes à Companhia de Jesus ele se inteirava e estava à frente. Encontramos em seus *Exercícios Espirituais* a seguinte orientação: “Não devemos dizer nenhuma palavra ociosa. Por palavra ociosa, entendo aquela que não tem utilidade nem para mim, nem para outrem, nem se ordena a tal fim.” (LOYOLA, 1955, p. 37), com isso percebemos sua disciplina e rigidez, características essas de sua personalidade que lhe são muito marcantes, ainda que Inácio também fosse tido como amável, obviamente para os padrões comportamentais daquela época.

Com o passar do tempo, Inácio foi se desgastando e sua saúde ficando cada vez mais frágil. Ele, muitas vezes, precisou parar suas atividades para descansar e se tratar de alguma enfermidade, especialmente uma dor no estômago que lhe acompanhava desde sua juventude, porém, mesmo de cama, ele sempre esteve na gerência da Ordem e tinha todo o controle, por meio de cartas, para dar o seu parecer em diversos negócios.

Assim, no ano de 1556, sua situação começa a se agravar, Inácio percebeu que a morte se aproximava, dessa forma, toma diversas resoluções para que a sua Ordem não ficasse sem amparo, e, assim, se põe a escrever as Constituições da Companhia de Jesus, como sendo o seu “testamento”.

Além disso, ele cuidou de preparar o seu substituto, o Padre Diego Laynez, porque, para Inácio, a missão da Companhia não poderia retroceder ou perder sua originalidade. Vale a pena também falar do Padre Francisco de Borja, que será o terceiro superior geral da Ordem Jesuíta. Esse mesmo era, antes, duque de Gandia, e ao ficar viúvo renunciou seu título de nobreza para abraçar o ideal de Loyola. Atitude essa que contribuiu para que as missões da Companhia

---

<sup>2</sup> O Concílio de Trento foi uma reunião do clero católico, que aconteceu entre 1545 e 1563, que reafirmou os dogmas da Igreja questionados pela Reforma Protestante, bem como estabeleceu ações para conter o avanço do protestantismo e possibilitar a expansão da fé católica pelo mundo.

crecessem em outros países e tivesse forte influência na corte espanhola, pois saber que, entre os membros da Ordem, havia gente da nobreza, legitimava o trabalho da Companhia. Francisco de Borja era bastante estimado por Inácio de Loyola e pela coroa Espanhola, podendo deixar um grande legado entre os jesuítas como a criação do 1º Colégio “misto” da Companhia.

Em 30 de julho de 1556, Inácio pede ao Padre Polanco que solicite ao Papa uma bênção antes de sua morte, que se deu no dia seguinte, em 31 de julho logo de manhã cedo. Inácio de Loyola morreu depois de ter feito em sua vida obras que até hoje encontramos através de seus escritos e dos seus seguidores espirituais, os Jesuítas. Em 3 de dezembro de 1609, Inácio foi beatificado pelo Papa Paulo V, e em 1622, no dia 12 de março, Loyola foi canonizado pelo Papa Gregório XV, sendo um dos santos mais influentes da história católica. Vale a pena ressaltar que o Papa atual, Francisco, foi religioso jesuíta e o primeiro de sua Ordem a ocupar o trono de Pedro, pois até então os Jesuítas só estavam na esfera hierárquica de cardeais e sacerdotes e irmãos religiosos.

## **2.2 Os jesuítas na atualidade**

Atualmente, conforme o site dos Jesuítas<sup>3</sup>, a Ordem tem cerca de quinze mil religiosos presentes nos cinco continentes, sendo uma das ordens mais numerosas da Igreja Católica. No Brasil, os membros da Companhia de Jesus estão presentes no ensino superior, como nas universidades católicas de Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas Gerais, entre outras instituições de ensino fundamental e médio, tendo cerca de 500 religiosos no Brasil. Nosso país sempre foi um dos mais próximos aos seguidores de Inácio de Loyola, tanto que mesmo depois da expulsão da Companhia pelo Marquês de Pombal e o retorno da Ordem em 1844, os Jesuítas ainda têm sua força ativa, sendo um dos defensores de diversas causas sociais em terras brasileiras.

Assim a Ordem dos Jesuítas, com uma origem simples, se destacou rapidamente em toda a terra, chegando até no Oriente, onde a evangelização cristã era difícil. É quase improvável encontrar algum lugar, dentre os países de confissão religiosa cristã, onde a presença dos jesuítas já não tenha chegado. No contexto brasileiro, a Companhia de Jesus contribuiu com a educação, pois, no começo, não havia ainda uma estrutura e uma legislação para as escolas em nosso país, e os padre jesuítas foram os primeiros a organizar isso no Brasil Colônia. As causas indígenas foram abraçadas pelos padres da Companhia logo que chegaram,

---

<sup>3</sup> <https://www.jesuits.global/es/quienes-somos/los-jesuitas/>. Acesso em 27 nov. 2022.



sendo eles grandes defensores e hoje eles se tornaram referência em questões de educação religiosa e pioneiros da educação escolar.

Vale lembrar que mesmo diante de todo atraso educacional diante de outros países na época do Brasil Colônia, os padres da Companhia souberam aplicar a *Ratio Studiorum* e apresentar um plano de ensino que ainda não havia sido implementado em terras brasileiras, pois a Coroa portuguesa não desejava que seus súditos tivessem conhecimento intelectual, afinal o Brasil era uma colônia que só deveria exportar recursos para a metrópole. Já com os jesuítas à frente da educação, os filhos dos colonos tiveram contato com as letras e conhecimentos diversos.

### 3 CHEGADA, PERMANÊNCIA E EXPULSÃO

Levando a termo sua iniciativa de contribuir com a Igreja Católica, e considerando a expansão do pensamento europeu e o domínio de novas terras, o rei de Portugal Dom João III convida a Companhia de Jesus, que já estava em território lusitano, para evangelizar, catequizar e escolarizar os habitantes das terras que, conforme o Tratado de Tordesilhas (1494), pertenciam ao Império Português, dentre elas o Brasil Colônia. Com o estabelecimento das capitânicas hereditárias e do governo geral, os Jesuítas chegam em terras brasileiras em 1549, na Bahia, e já em 1553 é criada a província jesuítica no Brasil, pelo fundador Inácio de Loyola, tendo como responsável Padre Manuel da Nóbrega. Nesse mesmo ano, chega à colônia o Padre José de Anchieta, conhecido atualmente como “Apóstolo do Brasil e defensor dos indígenas” para auxiliar Nóbrega em sua missão na área da educação e da catequese, visto que o território brasileiro era muito extenso, e é também ele quem realizou, no campo da política, a defesa dos povos indígenas.

#### 3.1 Chegada dos Padres da Companhia de Jesus no Brasil

Ao chegarem ao Brasil Colônia, os jesuítas encontraram uma população rural e latifundiária composta por colonos portugueses, senhores de engenho e também indígenas que estavam sendo escravizados e afetados com vários tipos de doenças trazidas pelos portugueses. Desta forma, a postura dos jesuítas foi, conforme salientam Barion, Silva e Giraldelli (2019, p. 2): “diferente de outras ordens que tinham mosteiros, como símbolos da sua atuação, os jesuítas fundaram os Colégios que serviam de residência para eles, mas também de lugares no qual as letras eram ensinadas.” Esses colégios se tornaram marcos históricos para a colônia e para a educação no Brasil como a primeira estrutura de ensino e também as missões onde os padres jesuítas se estabeleceram junto aos povos indígenas na intenção de catequizá-los.

Dentre suas características, os Jesuítas

possuíam um cunho educacional, cujos objetivos principais eram: Levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas, no século XVI, principalmente à América; Catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes as línguas portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica [...] Construir e desenvolver escolas católicas em diversas regiões do mundo (SIGNES, 2011, p. 2).

Ou seja, dentro da perspectiva religiosa dos Jesuítas, encontramos a preocupação em garantir uma educação que abrangesse o conhecimento em diversas áreas, por mais que fosse de cunho religioso, seu intuito de propagar os costumes ocidentais.

Durante os 210 anos da permanência dos Jesuítas em terras brasileiras, desde sua chegada até sua expulsão, os religiosos tentaram modificar costumes e a própria sociedade aristocrática, com o discurso de que os indígenas não deveriam ser escravizados, e sim “civilizados”, como bons cristãos, assim os donos de terras, garimpeiros e senhores de engenho perceberam que, com os padres da Companhia, os indígenas estariam protegidos de certa forma. Obviamente que isso foi um incômodo para os portugueses e para os colonos que enxergavam nos povos autóctones uma mão de obra escrava para suas lavouras de cana-de-açúcar entre outras atividades. A tensão entre ambas as frentes, tanto do lado dos colonizadores, como dos Jesuítas, endossada pelo Marquês de Pombal, culminou na expulsão dos Jesuítas do Brasil e das terras portuguesas, em 1759.

A coroa portuguesa estava tentando adaptar alguns conceitos religiosos, tendo como parâmetro as definições do Concílio de Trento e a aplicação da Contrarreforma em seu país e dentro do ensino, pois os portugueses não queriam ver suas terras serem dominadas pelo protestantismo. Porém, por mais que a Companhia de Jesus estivesse à frente da maioria dos colégios religiosos, era necessário uma aplicação prática dessa reforma como: obediência à Santa Sé; controle de livros pelo *Index Librorum Prohibitorum* e do ensino pela Igreja Católica, e, sobretudo, o combate direto ao pensamento protestante. Desta maneira, os Jesuítas tiveram, desde o início, uma grande abertura dentro das questões luso-brasileiras para aplicação desses conceitos, pois foi para essa missão que foram chamados.

Portugal foi o primeiro país a solicitar da Igreja Católica a presença dos Jesuítas em suas navegações, pois os membros da Companhia de Jesus gozavam de grande respeito, conforme atestam Costa e Oliveira (2015, p. 225): “Por exalar um espírito reformista e missionário, os jesuítas foram convidados a ir para Portugal. D. João III, Rei lusitano, estava alinhado ao movimento reformista e pietista que rondava a Europa Católica.” Tal era a situação da Coroa Portuguesa e dos Padres da Companhia que buscavam reformar os costumes e práticas entre os seus fiéis e súditos, que, em seus planos, a Companhia era uma grande força de mudança e de conservação dos pensamentos mais tradicionais da época e a segurança do pensamento europeu em uma mais elitista.

Ao se estabelecerem no Brasil Colônia, os Padres da Companhia de Jesus iniciaram seus trabalhos na catequese com os indígenas e também com os próprios colonos, porque, de modo

geral, não eram só os autóctones que necessitavam de orientação na visão dos padres da Companhia, afinal eles já tinham sua cultura e costumes, mas também os colonos precisavam ser orientados nos hábitos europeus já que, no Brasil Colônia, longe da metrópole eles não tinham uma postura requintada da realeza, sem falar no tratamento desumano para com os povos aborígenes.

Sendo assim, conforme dizem Barion, Silva e Giraldeili (2019, p. 2), “a ação educacional dos jesuítas possuía três diretrizes que eram a conversão das principais lideranças indígenas, doutrinação dos jovens e eliminação dos pajés que eram considerados líderes espirituais dos índios.” Os Jesuítas queriam eliminar as lideranças dos povos indígenas para terem mais influência e conquistar adeptos para o catolicismo e súditos para o Rei de Portugal, para isso os colégios e as missões eram ferramentas importantes de ter tudo sob o controle e garantir a proteção dada por eles aos nativos como uma moeda de troca.

A Companhia de Jesus teve um desentendimento forte com o Marquês de Pombal que via nos Jesuítas seus inimigos e também do progresso do Império Português, os ânimos ficaram mais acirrados quando o rei de Portugal Dom José foi ferido em um atentado, sendo acusados os jesuítas como os mandantes, e logo após, Pombal expulsa do Brasil e de Portugal os Jesuítas de suas terras e da educação, alegando que os religiosos estavam se enriquecendo à custa da Coroa Portuguesa e atrasando seu desenvolvimento intelectual com uma metodologia arcaica, já que o Iluminismo era

movimento no campo das ideias que passou a integrar o racionalismo e o empirismo no plano do entendimento humano. Critério para o desdobramento de uma nova sociedade guiada pelas luzes da razão. Em lugar da tradição e da autoridade, os iluministas elegeram a razão individual. (ANDRADE, 2011, p. 97).

### **3.2 Como os Jesuítas encaravam os povos Indígenas**

Os primeiros jesuítas no Brasil pensavam que os indígenas não tinham cultura e necessitavam de conversão, porém ao se depararem com tribos tão bem organizadas, com seus próprios costumes e crenças, os missionários perceberam que precisavam se encaixar aos hábitos indígenas, caso quisessem ser ouvidos por eles. Além desses desafios na comunicação, os padres também tinham que se adaptar ao clima tropical e à vida dentro das matas fechadas, o que era, para eles, um grande desafio, segundo Signes (2011, p. 3). Tudo isso foi resolvido com o tempo e com a nova visão que a presença do Padre Anchieta envolvia, considerando os povos indígenas como novos membros da Igreja Católica, tanto que Anchieta elaborou a

Gramática em língua tupi, intitulada Arte de Gramática da Língua, mais usada na costa do Brasil, possibilitando a evangelização e a catequese aos povos indígenas, e garantiu um “meio” de se comunicar linguisticamente, seguindo parâmetros gramaticais, facilitando, assim, as missões promovidas pelos padres da Companhia nos aldeamentos dos povos autóctone.

O pensamento dos Padres da Companhia de Jesus foi se modificando à medida que eles foram compreendendo que a vida cotidiana junto dos indígenas lhes faziam ver que a catequese não devia ser apenas para uma certa parcela, uma minoria, e sim para todos. Claro que os colégios dos religiosos eram para os filhos dos colonos e nobres, e esse pensamento perdurou durante todo o período colonial – o que, de certa forma, repercute ainda nos dias atuais com outra roupagem –, mas isso não ficava restrito apenas nessa classe, porque nas missões e catequeses, os padres da Companhia ensinavam as orações e as primeiras letras aos povos originários e isso foi uma grande inovação, por mais que fosse limitado e de uma forma que passou despercebido.

### **3.3 Figuras importantes da Companhia de Jesus no Brasil e os aldeamentos jesuíticos**

Não se pode falar dos Jesuítas no Brasil e deixar de lado a figura do Padre José de Anchieta. José de Anchieta foi um sacerdote espanhol, da Companhia de Jesus, que chegou ao Brasil em 1553 com o segundo governador geral, Duarte da Costa, e nas suas missões abraçou a causa indígena e o amor pela gramática. No colégio, em Piratininga, Anchieta exerceu a função de professor de latim e foi o interlocutor na Confederação dos Tamoios para apaziguar os ânimos. Foi ainda escritor e poeta, e muito querido pelos indígenas, chegando até a conviver em algumas aldeias, o que favoreceu a evangelização no meio dos autóctones por perceberem que, nas suas catequeses, o Padre Anchieta não negava a cultura dos povos originários, e sim incluía no contexto católico, isso fica bem claro nas peças teatrais que ele escreveu, nas quais José de Anchieta colocava o nome dos personagens, os mesmos utilizados pelos indígenas. O missionário faleceu em 9 de junho de 1597 e foi proclamado santo pela Igreja Católica em 2014 por outro jesuíta, o Papa Francisco.

Os aldeamentos que foram organizados pelos padres jesuítas juntos aos indígenas, logo no início da colonização do Brasil com o aval da Coroa Portuguesa, eram na verdade uma extensão das vilas dos colonos, onde trabalhavam, cantavam, dançavam e rezavam, e tinha os momentos de catequese e ensino das primeiras letras, o que de certa forma era uma aculturação europeia:

No início do processo da colonização já havia sido institucionalizadas as aldeias indígenas jesuíticas. Independentemente do crivo religioso, elas representaram a primeira ação do governo português em ordenar os gentios em um estilo de vida social conforme os valores da sociedade lusitana. Daí a necessidade de implantação das escolas de primeiras letras nas aldeias. Semelhantes ao que foi instituído para as vilas, as aldeias visavam salvaguardar, acima de tudo, a vida dos gentios, mas também promovê-los a uma conduta de vida socialmente organizada. (ANDRADE, 2011, p. 95).

Ou seja, nada era em vão para uma organização que os Jesuítas realizavam nesses aldeamentos, tudo tinha uma intencionalidade também de caráter religioso da Igreja Católica, já que uma das preocupações dos Jesuítas era a conversão dos indígenas ao catolicismo. Mas os padres da Companhia não estavam só nos aldeamentos, eles estavam nas vilas das capitanias e lá promoveram os Colégios onde os filhos dos colonos, e depois os filhos dos nobres, estudavam, um ensino que muitas vezes se completava em Coimbra ou em outro lugar da Europa, contribuindo, assim, para as revoluções intelectuais e reformas dentro da concepção da sociedade do Brasil. Podemos dizer que a educação promovida pelos jesuítas contribuiu para uma mudança de costumes em todas as classes brasileiras, porque em todos os rincões do país estava a presença dos padres da Companhia de Jesus com suas maneiras peculiares de catequizar e ensinar.

### **3.4 Marquês de Pombal e a Reforma Pombalina**

Em 1699, no dia 13 de maio, nasceu Sebastião José de Carvalho e Melo, o conhecido Marquês de Pombal, que protagonizou um dos conflitos mais comentados na história do Brasil e Portugal, o qual culminou na expulsão dos Jesuítas das colônias portuguesas.

No reinado de Dom José I, Sebastião foi nomeado primeiro-ministro do império português e foi um dos organizadores para realizar a reconstrução de Lisboa depois do terremoto de 1755, recebendo o título de Conde de Oeiras e em 1769 o de Marquês de Pombal. Também era um grande defensor da monarquia absoluta e apreciador dos pensamentos iluministas, tanto que essa influência iria ser desenvolvida na chamada: Reforma Pombalina, que continha como principal mudança em Portugal: criação da Companhia Geral das Reais Pescas do Reino do Algarve, novo controle de cobrança de impostos, proibição da escravidão de indígenas entre a preocupação com a educação, retirando a autoridade da Igreja Católica e das escolas que eram dirigidas pelos padres jesuítas.

No Brasil, a reforma Pombalina foi destacada nas seguintes mudanças: Criação da Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba; Criação da Companhia do Grão-Pará e do

Maranhão; extinção das capitâneas hereditárias; nomeação do Rio de Janeiro como nova capital da colônia, que até então era Salvador; elevação do Brasil a vice-reino de Portugal e a expulsão dos Jesuítas das terras brasileiras e portuguesas. A acusação de Pombal aos jesuítas era que os membros da Companhia estavam incitando à rebeldia dos indígenas para com a Coroa Portuguesa, sem falar que o lucro das despesas na educação nas escolas dos padres da Companhia para os filhos da elite não era repassado à Coroa Portuguesa, fazendo que o tesouro português não se beneficiassem com esse meio lucrativo. Esse problema administrativo motivou ainda mais o Marquês a expulsar os jesuítas, entregando a educação nas mãos daqueles que iriam enviar os lucros de ganhos a Portugal. Desta forma, em 1759, os Jesuítas são expulsos do Brasil, instaurando as Aulas Régias, deixando uma grande lacuna na educação nas terras onde estavam, conforme aponta Ribeiro (1993, p. 16). É perceptível que, sem a estrutura educacional dos Jesuítas, o Brasil teve que se adequar ao ensino pelas enciclopédias, atrasando, mais uma vez, o país, em relação a outros da Europa que já estavam bem desenvolvidos.

A perseguição promovida por Marquês de Pombal para com a Companhia de Jesus não era somente em questão da educação, era também política, pois, na visão iluminista, a postura dos religiosos acabava atrasando o progresso da sociedade. Especificamente no Brasil, ressaltava-se a questão da disputa entre Espanha e Portugal por uma terra pela qual os Jesuítas eram responsáveis em Sete Povos das Missões, o que gerou um conflito entre os Jesuítas e os portugueses, aumentando ainda mais a perseguição de Pombal à Companhia de Jesus.

Em 3 de setembro de 1759 é decretada a expulsão dos Jesuítas das terras portuguesas e suas colônias, deixando os Jesuítas, no Brasil e em Portugal, colégios, seminários e residências. Tal perseguição culminou no breve papal *Dominus ac Redemptor*, de 21 de julho de 1773, do papa Clemente XIV, que suprimiu a Companhia de Jesus na Igreja Católica. Será apenas em 1814, com o Papa Pio VII, que os Jesuítas retornam às suas atividades legalmente dentro da Igreja e nos países onde se encontravam a presença da Companhia.

Com a morte de Dom José I, rei de Portugal, em 1777, sua filha Dona Maria I afasta o Marquês de Pombal da administração de Portugal e o obriga a abandonar Lisboa e o campo político, afinal a Rainha – que era devota e grande católica, além de amiga dos Jesuítas e das demais ordens religiosas – enxergava em Pombal um inimigo da Religião e do Império Português, levando seu país e colônias a uma rebelião contra a Igreja.

No ano de 1782, com 82 anos, faleceu o Marquês de Pombal, que lutou e reformou as áreas do ensino, organização do governo e estrutura física no Brasil e Portugal e as demais colônias. Na educação, Pombal autorizou que os mestres não religiosos assumissem a educação,

inaugurando as Aulas Régias e definindo-as como aulas para fazer cálculos matemáticos, ler e escrever; ter lições de retórica, filosofia racional, gramática latina, entre outras línguas. Isso acabou impactando na época a educação e em sua estrutura que, por cerca de 210 anos, esteve sob a responsabilidade da Companhia de Jesus.

A presença dos Jesuítas em terras brasileiras fez com que a educação antes ignorada pudesse se destacar dentro de uma sociedade agrícola. Assim, conforme Costa e Oliveira (2015, p. 230), “visão do índio como o bom selvagem, como uma espécie de tábula rasa em que poderia ‘escrever’ a religiosidade cristã, julgando por conseguinte, que não constituiria tarefa muito difícil convertê-lo ao catolicismo e a cultura europeia portuguesa.” Isso demonstra que a catequese era também a principal preocupação dos Jesuítas, além da escolarização como um forte alicerce para desenvolver a chamada “civilização” dos povos indígenas.



#### **4 A EDUCAÇÃO DESENVOLVIDA PELA COMPANHIA DE JESUS COM A *RATIO STUDIORUM* NO BRASIL COLÔNIA**

Com o objetivo de catequizar e cuidar da educação dos colonos, os Jesuítas desenvolveram no Brasil sua própria pedagogia que consistia em evangelizar os povos originários e lhes ensinar as primeiras letras, fazendo um trabalho em dois planos, um de aspecto espiritual e o outro social, apresentando uma visão estreitamente europeia, desde como se comportar socialmente até o modo como se vestir.

Nessa perspectiva, os trabalhos implementados pelos membros da Companhia atingiram uma nação inteira durante 210 anos da primeira permanência dos Jesuítas, pois eles estavam na frente das escolas e aldeamentos indígenas e deixaram um legado de estrutura educacional e uma religião enraizada. Como a aplicação, orientavam-se pela *Ratio Studiorum*, que era uma marca elaborada pelo Padre Inácio de Loyola, que consistia num plano de estudos, conforme explicam Barion, Silva e Gidelli (2019):

Os jesuítas criaram um plano de estudos que era subsidiado pela coroa portuguesa por meio de um imposto cobrado na colônia brasileira. O Plano de Estudos contemplava o curso de humanidades, filosofia e teologia, ele ficou conhecido em todo o mundo e mesmo após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal (1699-1782) em 1759 ainda continuou sendo utilizado pela falta de outro plano de estudo organizado sendo extinto em 1773. (BARION; SILVA; GILDELLI, 2019, p. 3).

Com o auxílio da Coroa Portuguesa, a *Ratio Studiorum* podia ser adotada nas terras do Brasil e nas demais colônias que tivesse a presença dos povos lusitanos, foi o meio que a Monarquia de Portugal encontrou para controlar o que se ensinava dentro das salas de aulas, as quais se organizavam conforme o *modus parisienses*, com salas distribuídas em classes, com certa quantidade de alunos; atividades de sabatinas, como exames para saber o grau de conhecimento de cada aluno, e leitura de livros, para que se tivesse contato ainda maior com as letras e outras línguas. (PEREIRA, 2009, p. 68).

Ao criar a *Ratio Studiorum*, os Jesuítas estavam traçando um plano permanente de aulas, com um modelo que trazia de tudo, desde como se comportar na sala de aula, até que tipo de conhecimentos poderiam ser repassados, como nos explicam Barion, Silva e Gidelli:

O Plano de Estudo foi inspirado em universidades e colégios de Paris, e baseado teologicamente em São Tomás de Aquino e filosoficamente em algumas obras de Aristóteles. O documento apresentava trintas capítulos, sendo cada capítulo consistia em regras a serem observadas tanto pelos professores quanto pelos alunos que frequentavam os Colégios. (BARION; SILVA; GILDELLI, 2019, p. 3)

A *Ratio* era uma cartilha por onde os jesuítas e seus alunos poderiam se guiar, e foi a primeira organização de estrutura escolar de ensino que o Brasil herdou dos padres da Companhia, sendo que essa mesma organização acabou sendo colocada em segundo plano até sumir das escolas no tempo do Marquês de Pombal.

Nos anos de 1552, Inácio de Loyola envia para todos os Colégios Jesuíticos a primeira versão da *Ratio Studiorum* para padronizar, em todos os ambientes de estudos, a mesma forma e regra para o ensino, desde os Colégios até as Universidades em que estivessem presentes a Companhia, pois sua preocupação dentro da educação era manter a disciplina unida com a fé e o conhecimento, coisa que o fundador da Companhia experimentou ao longo de sua caminhada acadêmica, conforme apresentamos neste trabalho, e que ele mesmo, em sua autobiografia, deixou registrado, mantendo vivo amor pelos estudos.

Pela influência das universidades da França, Inácio implementa na *Ratio Studiorum* o que ele achou adequado dentro do ensino, pois o *modus parisiensis* tinha como objetivo: “promover um exercício constante que permita pôr em ação, durante o processo de aprendizagem, os recursos e as faculdades do aluno.” (PEREIRA, 2019, p.69), utilizando a forma de exercícios como fixação do conteúdo e assim encaixando as disciplinas em um formato de memorização.

As escolas onde foram implementadas a *Ratio Studiorum* eram exclusivamente para homens, pois, na concepção da época, as mulheres só tinham as funções de cuidar do lar e não ter conhecimento das letras, mas apenas de orações. Porém, dentro dos Colégios da Companhia, a oração era um dos elementos mais presentes, já que a própria *Ratio Studiorum* abordava a temática da oração. Além disso, o plano tinha um caráter político, de modo que “os filhos dos colonos tinham, então, que se adequar a este tipo de ensino voltado para a pacificação aborígine, pois havia de se garantir, primeiramente, a permanência colonizadora portuguesa.” (WREGGE, 1993, p.19).

O *modus parisiensis* do ensino, a que foi agregada a *Ratio Studiorum*, trazia o incentivo de disputas internas entre os alunos para ganhar condecorações. Aqueles que se destacavam nas turmas eram recompensados, e também recebiam algum reconhecimento os que viessem a denunciar um colega mal comportado, eles eram vistos como heróis da moral e do bom comportamento, por impedir que as regras estabelecidas fossem quebradas. Lembremos que, neste período, os castigos corporais eram permitidos dentro das escolas como forma de correção e ensino.

Essa naturalização de os próprios alunos acusarem uns aos outros para ganhar recompensas é ainda hoje uma marca que, infelizmente, encontramos em certas salas de aulas, onde alguns são privilegiados em detrimento da punição de outros, essas marcas são ainda sequelas desse procedimento que continuam sendo praticado nas salas de aulas.

Outra prática que foi somada à *Ratio Studiorum*, que era também utilizada nos Colégios de Paris, foi a chamada Piedade e Letras, que na verdade foi uma junção dos conhecimentos científicos com as práticas religiosas, de modo especial a Teologia e Filosofia, pois, na época, conhecimentos dessas duas disciplinas eram obrigatórios nos cursos universitários. E era tanta a influência que os Colégios acabaram adotando, em seus currículos, tanto a Filosofia como a Teologia para que, desde cedo, seus alunos se envolvessem nas causas eclesiásticas, formando, assim, indivíduos, de alguma forma, comprometidos com a expansão do cristianismo.

Essa agregação dava às escolas um tom de mosteiros, sendo tudo muito regrado nas práticas oracionais, como também na parte de organização dos Colégios. “Na Universidade de Paris, tudo gravitava à volta da Faculdade de Teologia e do que ela representava. Nos Colégios de Paris, o objetivo da educação era o ideal cristão, formar homens cristãos e cristãos letrados.” (PEREIRA, 2019, p. 71).

Assim, a *Ratio Studiorum* uniu várias normas de conduta, matérias eram ministradas pelos professores e também as orações, como característica própria da Companhia de Jesus. A própria *Ratio Studiorum* ao longo do tempo precisou ser modificada para poder acompanhar as mudanças que aconteciam dentro da área da educação, apresentando uma certa “flexibilização” dos Jesuítas que visavam primordialmente um ensino que trouxesse seus alunos para mais próximos da realidade. Sabemos que, em 1591, a Companhia de Jesus apresentou às suas universidades e colégios a nova versão da *Ratio Studiorum*, contendo 466 regras, uma diminuição significativa, já que a anterior continha 837. (PEREIRA, 2019).

Nas Universidades e Colégios dirigidos pelos jesuítas, o ensino das letras estava em primeiro lugar, isso tornou a Companhia de Jesus uma das instituições que mais alfabetizou no mundo e os primeiros historicamente aqui no Brasil. Com os Padres da Companhia, as letras ganharam outro tom, especialmente no Brasil, os religiosos ensinavam e catequizavam com o intuito de colonizar os indígenas e fazer que os filhos dos colonos pudessem contribuir com a economia de Portugal, afinal os Padres Jesuítas eram empregados da Monarquia Portuguesa, funcionários da Coroa, e deviam dar lucro à Coroa. Tais rendimentos, sem dúvida, eram compartilhados também com os Jesuítas.

Essa atuação dos Jesuítas no Brasil do século XVI, de catequese e educação em meio aos povos originários, visando forjar um cristão católico reformado português, submisso ao Rei de Portugal e ao Papa, foi empreendida a partir de uma mentalidade mercantil, própria do contexto quinhentista lusitano. Assim como mercadorias, o mercar das almas era quantificado e comemorado como o enriquecimento do reino espiritual. (COSTA; OLIVEIRA 2015, p. 228)

As missões promovidas pelos Jesuítas junto aos povos indígenas forma outra ferramenta na educação que também era um desdobramento da *Ratio Studiorum*. Enquanto eles ensinavam as orações católicas, apresentavam aos indígenas as primeiras letras, e, nessa comunicação, José de Anchieta sistematizou uma gramática da língua mais falada entre as tribos, o Tupi, dando oportunidade para que os povos autóctones pudessem escrever na sua língua materna.

Houve uma grande diferença na evangelização dos jesuítas no Paraguai, onde os padres da Companhia encontraram os nativos escrevendo e falando em espanhol por conta dos seus colonizadores, já no Brasil os colonos não se preocuparam com isso, o que interessava era a mão de obra escrava. Por isso, os missionários da Companhia de Jesus organizaram suas missões em aldeamentos e reduções e assim eles mantinham o contato direto com os povos indígenas, catequizando-os e ensinando-lhes as primeiras letras para que eles pudessem rezar por livros e se adequarem aos padrões do sistema colonizador europeu. Pois “os aldeamentos e reduções surgiram pela necessidade de um novo sistema para o ensinamento da cultura europeia, para a conversão e aculturação dos indígenas, dando maior enfoque na educação do que apenas simples conversão para o catolicismo.” (SIGNES, 2011, p.7).

Já na *Ratio Studiorum* aplicadas nas universidades e nos Colégios dirigidos pelos Jesuítas, trazia-se uma vasta amplidão de organização, como a importância da formação dos professores, ademais de planos de estudos que consideravam as seguintes matérias: matemática, história, filosofia, ciências físicas e humanidades. Em questão de avaliação, os alunos faziam provas por escrito, orais e sabatinas. Também se aprendiam poesias e a oratória era bastante enfatizada, porque muitos dos alunos acabavam investindo na carreira eclesiástica ou na corte, o que favorecia essas duas vertentes. (PEREIRA, 2019, p.72). Tudo isso e muito mais estava inserido na *Ratio Studiorum*, que foi implementada no Brasil Colônia até a expulsão dos Padres da Companhia de Jesus. Essa organização foi a primeira na área da educação no nosso país, sua origem nasceu da *Ratio Studiorum* como se fosse hoje a nossa Base Nacional Comum Curricular (BNCC), porém com um sentido diferente.

No Brasil, o primeiro Colégio dos Jesuítas foi fundado na Bahia, o segundo, em São Vicente, até chegar, em 1554, a criação do Colégio de São Paulo, tendo por idealizador o Padre

José de Anchieta, cujo foco era a educação, em primeiro lugar, de rapazes que desejassem ser Jesuítas e das crianças indígenas. Depois, com passar do tempo, foram-se abrindo as portas para os filhos dos colonos e dos nobres que aqui chegavam, mantendo exclusivamente o domínio na Educação. Os Jesuítas recebiam da Metrópole recursos financeiros para expandir, em todo o país, seus Colégios e seus seminários, onde o saber era limitado só para uma minoria e para aqueles a quem os Padres queriam evangelizar, ou seja, os povos indígenas.

## CONCLUSÃO

Concluimos que com a experiência dos Jesuítas na Educação no tempo do Brasil Colônia, tivemos nossa primeira identidade escolar, por mais que fosse aos moldes jesuítas, mas era a primeira dentro do nosso país, e isso devemos à Companhia de Jesus, que, sem dúvida, cometeu seus erros no tocante à catequese dos povos indígenas, com o intuito de “civilizá-los”, porém foram os primeiros a nos ensinar as letras do alfabeto.

Foram os Jesuítas, ainda, que construíram os primeiros colégios e seminários com a intenção de formar o povo brasileiro e apresentar um plano de ensino, a partir da *Ratio Studiorum*, o mesmo que era utilizado por eles na Europa. Isso nivelou, de certa forma, a nossa educação com outros colégios europeus.

Tendo contato com esses traços históricos, despertou em mim o interesse de dar continuidade a esta pesquisa, abordando outros pontos nos quais não pude me aprofundar neste trabalho. Estou convencido de que a gênese da nossa educação no Brasil é uma resposta daquilo que é a nossa dos tempos atuais, pois temos que olhar o passado e ponderar o presente com o intuito de melhorar o futuro de uma educação que, desde o seu nascimento, se adaptou em algumas coisas a esta rica nação que abrange diversas culturas, raças e ensinamentos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, F. A. Fontes, percursos e itinerário da Reforma Pombalina no Ceará. *In*: VASCONCELOS, J. G; SANTANA, J. R. (org). **O pensamento pedagógico hoje**. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 90-105.
- BARION, I. F. de O.; SILVA, S. A. da; GIRALDELLI, T. R. M. A Presença dos Jesuítas na Educação Brasileira: Contribuição da RATIO STUDIORUM XVIII. **XVIII SEDU - Semana da Educação I Congresso Internacional de Educação Contextos Educacionais: formação, linguagens e desafios**, 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/Anais/2019/EIXO%207/4.%20A%20PRESENCA%20DOS%20JESUITAS%20NA%20EDUCACAO%20BRASILEIRA%20%20res.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.
- COSTA, C. J.; OLIVEIRA, A. S. Educação jesuítica na América Portuguesa: a dispensa das leis positivas e a racionalidade mercantil. **Revista Educação em Questão**, Natal, v 53, n 39, p 218-241, set/dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8528/6173>. Acesso em 14 set. 2022.
- LOYOLA, I. **Autobiografia de Santo Inácio de Loyola**. Braga: A.O.- Braga, 2005.
- PEREIRA, M. A. **Colégios Jesuíticos no Brasil Colonial na produção científica de teses de dissertações**. 2008. 187 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2634>. Acesso em 12 set. 2022.
- RIBEIRO, P.R. História da Educação Escolar no Brasil: Notas para uma reflexão. **Paidéia** (Ribeirão Preto). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, n. 4, p. 15-30, 1993. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/29513>. Acesso em: 08 nov. 2022.
- SIGNES, A. F. Apóstolos divinos ou da coroa: Jesuíta no Brasil e no Paraguai. *In*: GARCIA, G. B. (Org). **Perspectivas históricas de uma mesma América**, vol. 1. Seropédica: Prodocência, 2011, p. 1-16. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/perspectivas-historicas/artigos/11.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.
- WREGGE, R. S. **A Educação Escolar Jesuítica No Brasil-Colônia: Uma Leitura da Obra de Serafim Leite “História da Companhia de Jesus no Brasil”**. 1993. 268 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/65230>. Acesso em: 20 jun. 2022.